

Os Pisistratidas e o desenvolvimento do ciclo oikistes como alternativa de poder em Atenas (VI a. C.)

The Peisistratids and the development of the oikistes cycle as an alternative power in Athens (6th century B.C.)

José Roberto de Paiva Gomes²¹

Artigo recebido em 20 de março de 2025

Artigo aceito em 19 de maio de 2025

Resumo: Os Pisistratidas, Pisistrato e seus filhos, Hiparco e Hipias, assumem a tirania no VI a. C. Autores como Heródoto e Aristóteles elogiam o governo. Os tiranos implementaram uma nova política de poder econômico, após o exílio, se desvinculando a agricultura tradicional e adotando o comércio marítimo como viés alternativo. Abrindo uma rede de conectividade marítima com o noroeste do mar Egeu que propiciou um comércio de grãos, metais e madeiras, gerando para Atenas prosperidade e enriquecimento.

Palavra-chave: Tirania arcaica, mar Egeu e poder econômico.

Abstract: The Pisistratidas, Pisistratus and his sons, Hipparchus and Hippias, assume tyranny in the VI century. C. Authors such as Herodotus and Aristotle praise government. The tyrants implemented a new policy of economic power, after exile, separating themselves from traditional agriculture and adopting maritime trade as a viable alternative. Opening a network of maritime connectivity with the northwest of the Aegean Sea that provided trade in grains, metals and wood, generating prosperity and enrichment for Athens.

Keyword: Archaic tyranny, Aegean Sea and economic power.

Pisistratidas, o exílio e uma nova atividade econômica

Durante os quase dez anos que durou o exílio provocado pelos Alcmeônidas, Pisístrato se dedicou a acumular fortuna, graças à exploração de uma mina de prata na Trácia (na região de Sigeion), forjou alianças com Argos e Naxos, e preparou um grande exército, ajudado por seus filhos Hipias e Hiparco. De acordo com a interpretação de Vivienne Gray (1995: 185), baseada nas narrativas de Heródoto (4, 94, 4) e de Tucídides (I, 17), a tirania estava ligada às conquistas militares. Os autores antigos disseminaram a ideia de uma política

²¹ Pós doutor em História Política pelo PPGH/UERJ, Doutor e mestre pelo PPGHC/UFRJ. Professor colaborador do CEHAM/NEA/UERJ, disciplina "Estudos Pedagógicos". ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4162-6072>

imperialista exercida por um determinado grupo de Atenas (ou da Ática) sobre as áreas vizinhas.

As conquistas militares trouxeram grande prestígio aos estrategos (generais atenienses), caracterizando-se como um "novo" modelo de enriquecimento para os aristocratas e desvinculando-se do modelo tradicional, baseado na posse da terra.

O comércio marítimo e a exploração das minas de metais preciosos promoveram um modelo político de poder usado, sobretudo, pelas aristocracias exiladas e pelos políticos que as sucederam, como foi o caso de Pisístrato, Milcíades, Cimon e Pericles. O acúmulo de dinheiro proveniente desses negócios fez com que as aristocracias enriquecessem. H. Berve (1937) e Thomas Figueira (2011) identificaram três iniciativas atenienses (ou expedições financiadas) para colonizar a Trácia continental (Pisístrato - 530) e o Helesponto (Milcíades, o Velho - 510, e Phrynon, o atleta olímpico - 600). Essas expedições apontam para uma política "imperialista" a partir de uma frota naval de cerca de 50 naus (Hdt. 6.39.1).

Os conflitos entre os diferentes grupos aristocráticos foram se agravando, e a ascensão de um indivíduo ao poder pelo viés militar tornou-se frequente. Após a entrada dos tiranos, de acordo com os estudos de Claude Mosse (1989, 184), houve uma prosperidade significativa, e a polis tornou-se uma referência cultural (os poemas órficos foram compilados e as epopeias homéricas editadas) e política (Atenas reforçou suas posições no mar Egeu e na região do Helesponto, instalando colônias ou exercendo contatos de reciprocidade com outros tiranos).

Podemos considerar os aristocratas atenienses como oikistes, ou seja, fundadores de cidades. Sendo agentes sociais importantes para os colonos, esses líderes eram imbuídos de um imenso poder e autoridade. Fundavam, sobretudo, novas póleis além-mar, defendendo os colonos e as terras de agentes hostis. Eram também designados como mediadores religiosos, judiciais ou militares, sendo conhecidos no imaginário social do colono como líderes ideais (Andrewes, 1956, 14).

O papel e as habilidades do oikista influenciaram o desenvolvimento político da colônia, tornando o exercício da tirania atrativo (Lane, 2009).

Pisístrato assume a condição de oikistes por meio de uma prática oracular (délfica) que concede direções de comando e geográficas. Em um primeiro momento, a região da Trácia, especificamente na área de Abdera, apresentou resistência à dominação ateniense, conforme retratado nas histórias das aventuras de Hércules e os cavalos de Diomedes. A fuga do herói e a subsequente fundação de cidades na Trácia continental apontam para os fracassos e as resistências locais (GOMES, 2020, 44-53).

Figura 1: Hércules e o cavalo de Diomedes



Referência: Hércules e os cavalo de Diomedes, taça, figuras negras, indeterminado, 520, Atenas, St. Petersburg, State Hermitage Museum, 300572

Na região de Strymon, o tirano estabeleceu o comércio ao redor do Egeu quando a oportunidade se apresentou: sua posição em Rhaikelos e uma ou mais minas de prata no Monte Pangaion, Sigeion, Delos e Naxos (FIGUEIRA, 1994, 132–60; GARNSEY, 1988, 117–19).

Apesar de os autores antigos criticarem seu posicionamento político, essa ação econômica é vista de forma mais positiva pela historiografia moderna (LAVALLE, 2010; WALKER, 2004).

Milciades, o velho, oikista

Os estudos de perspectiva atenocêntrica marginalizam a importância no mundo grego das “cleruquias” e “colônias” como centros emanadores de poder (Foxhall, 2002, 209-220).

As pesquisas em torno da figura de Milciades, o velho, colocam-no como subordinado a Pisístrato e à conquista da região do Helesponto, tornando-se rei dos trácios por previsão oracular e laços de hospitalidade. O aristocrata ateniense

estabelece a diretriz de Frinon em estabelecer uma rota marítima na entrada do mar Negro (Berve, 1937, 111).

A colonização de áreas para além da Ática torna-se uma atividade alternativa, elaborando uma nova política externa de Atenas na região da Trácia. Milcíades torna-se um oikistes ao promover assentamentos (cleruquias), com o objetivo de suprir a escassez de grãos (Viviers, 1987, 193-95).



Figura 2: Milcíades com trajes orientais

Referência: Placa ateniense de figuras vermelhas , um arqueiro montando com indumentária oriental, com a inscrição "Miltiades kalos", atribuída a Paseas, 520-510, Ashmolean Museum (AN1879.175)

No regime dos Pisistrátidas, Milcíades, o Velho, tornou-se oikistes da Trácia, ou seja, fundador de cidades. Alguns pesquisadores descrevem que ele ajudou o tirano a estabelecer assentamentos militares e/ou locais de exploração de minas de ouro e prata, como na região de Rhaikelos (Saransky, 2014, 185-204; Lavalley, 1992, 19). De acordo com Hammond e Griffith (1979, 68), os atenienses, começaram a colonização com líderes como Milcíades (como estrategista) e depois Cimon, demonstraram grande interesse e atividade na área do baixo Strymon na primeira metade do quinto século a. C.

Hípias, Tirano e oikista

Como tirano, Hípias continuou a política de engrandecimento de Atenas, cunhou as wuppenmuzen (moedas corujas) e integrou facções aristocráticas dentro do arcontado e de funções religiosas. Os Philaides e os Geripheus, grupos

de origem trácia, foram integrados ao corpo cívico, atuando como políticos e sacerdotes (HAMMOND, 1965, 113-129).

Hipias enviou Milcíades, o jovem, para o Chersoneso. Encontramos referências de Hipias como oikista por ocasião de seu exílio, de forma comparada a Milcíades, que recebeu dos Doloncios a função. Foi oferecido ao tirano a função social quando Amintas I ofereceu o território de Antemo no golfo termáico e os tessálios a região de Iolcos. Por fim, decidiu recuperar o Chersoneso, habitando em Sigeum, reconquistado por Pisístrato diante dos metilenos (GREEN, 1990).

Milcíades, o jovem, arconte e oikista

Heródoto (VI, 34-39) e Plutarco (Vidas Paralelas, Vida de Címon, 4.1-5), destacam que Milcíades, o jovem, foi um estrategista que venceu os persas na Batalha de Maratona, por volta de 490 a.C. Após seu retorno do Chersoneso trácio, que foi invadido por Dario I, Clístenes o tornou estrategista de Atenas. Milcíades realizou uma incursão contra a insurreição jônica e tomou o controle das ilhas de Lemnos e Imbros em 499 a.C.

Heródoto (VI, 34-39) e Plutarco (Vidas Paralelas, Vida de Címon, 4.1-5), destacam que Milcíades, o jovem, foi um estrategista que venceu os persas na Batalha de Maratona, por volta de 490 a.C. Após seu retorno do Chersoneso trácio, que foi invadido por Dario I, Clístenes o tornou estrategista de Atenas. Milcíades realizou uma incursão contra a insurreição jônica e tomou o controle das ilhas de Lemnos e Imbros em 499 a.C.

A família de Milcíades, o Jovem, deve ter sido dotada de recursos, pois seu pai, Címon, mesmo nome do neto, foi vencedor de jogos olímpicos em corridas de carruagem. O tio, Milcíades, o Velho, foi rei dos trácios, em 516, por casamento (Hegesípyle). Com o avanço persa, tornou-se aliado em um primeiro momento e, depois, opositor com a insurreição jônica de 499 a. C. Retornou a Atenas e tornou-se estrategista de Clístenes, exercendo influência militar sobre as ilhas de Lemnos e Imbros. Atenas passou a exercer influência diplomática sobre o mar Egeu.

A riqueza, por meio de sua esposa trácia, e seu passado como tirano trouxeram-lhe muitas animosidades, observadas no processo de ostracismo

encabeçado pelo clã Alcmeônida e sua aversão à tirania (Vanotti, 2018, verbete Milcíades, filho de Címon).

Os Philaidae produziram dois dos generais mais famosos da história ateniense: Milcíades, o jovem, e Címon. Como um dos 10 estrategos na Atenas de Clístenes, Milcíades comandou a Batalha de Maratona contra os persas. No final da tirania, foi enviado por Hipias para o Chersoneso, tornando-se tirano. Criou colônias em Gallipoli, exercendo influência no comércio de trigo no Mar Negro. Após se aliar a Dario, insurgiu-se, voltando para Atenas. Incumbido por Clístenes, tomou Lemnos e Imbros. Milcíades casou-se com Hegesípila, filha de um rei trácio chamado Óloro, tornando-se chefe de cleruquias. Essa relação gerou conflitos com outros grupos aristocráticos. Foi julgado e condenado a pagar uma multa após uma batalha malograda contra as ilhas aliadas aos persas, em 489 (Manas, 2013, 166).

Sealey (1960, 178-180) destaca que as famílias enriquecidas formariam uma aristocracia militar, voltada para as atividades comerciais e marítimas. Os assentos permanentes começaram a partir do século VII a.C. No período arcaico, estabeleceu-se uma rota terrestre e marítima para o Helesponto e o Chersoneso. Evidências materiais da muralha corroboram a criação de um “caminho” em direção à Ática.

Tzvetkova (2008, 267) destaca que a região do Chersoneso era extremamente fértil, capaz de sustentar os colonos e Atenas. Além disso, os próprios colonos poderiam ser arregimentados para a guerra. Milcíades criou uma rota segura para um constante fluxo de materiais.

Outro grupo de pesquisadores (Vivier, 1987 e Pebarthe, 2009) destaca que a incursão dos atenienses na Trácia está relacionada à crise demográfica que desencadeou um processo de colonização por parte dos atenienses. Os autores acreditam que as duas classes menores censitárias, os zeugitas e os thetas, definidas por Sólon e mantidas por Pisístrato, foram deslocadas para a região. As cidades formariam colônias (apoikias) com o objetivo de fornecer matérias-primas para a cidade-mãe (Atenas), sobretudo ouro, prata, madeira e trigo.

A guisa de conclusão

A exploração de metais trouxe para as elites exiladas atenienses um outro modelo econômico, não mais baseado no domínio das terras. Atenas, no modelo democrático de Clístenes, caracterizou-se por ter uma forte economia baseada no comércio marítimo, na produção artesanal e na exploração mineira. O instrumento de troca privilegiado era a moeda, o dracma (Cairo, 2016).

A presença dos estadistas teve um grande impacto nas populações indígenas, ao nível da cunhagem de moeda, e introdução de novas culturas (como a salga de peixe, fabricação de cerâmica e tecidos). Deste modo, as novas atividades nas quais assentava a economia repercutiram-se por todo o mar Egeu. A fundação das colônias na Trácia continental e no Quersoneso incrementou as atividades econômicas.

O exílio em regiões fora da Ática, concluindo, se apresentou como uma alternativa para buscar outras conveniências. As "famílias aristocráticas exiladas" se instalaram fundando "póleis", forçando o deslocamento dos "núcleos de centralidade" e desenvolvendo outras formas de conexões ou redes para facilitar o retorno para a Ática e reforçar seu posicionamento político na terra natal.

Documentos/fontes primárias

HERODOTUS. *Histories*. Cambridge, M.A.: H.U.P., 1920.

PLUTARCH. *The Parallel Lives*. Cimon. published in Vol. II. of the Loeb Classical Library edition, 1914.

TUCÍDIDES, *History Of The Peloponnesian War*. Tradução de C. F. Smith, Loeb Classical Library, Harvard University Press, 2006.

Bibliografia Geral

ANDREWES. **The Greek Tyrants**. Hutchinson's University Library, 1956.

BERVE, H. **Miltiades**. Berlim, 1937.

CAIRO, E. **Penser l'oligarchie à Athènes aux Ve et IVe siècles. Aspects d'une idéologie**. Les Belles Lettres, 2016.

FIGUEIRA, T.J. "*The Ten Archontes of 579/8 at Athens*", **Hesperia** **53**, 1984. 447- 473.

- GOMES, J. R. P. *Pisistrato, Heracles y el pintor artesano Exequias*. **Revista TEL**, Irati, v. 11, n.2, p. 87-98, jul./dez. 2020.
- GARNSEY, P. **Famine and Food Supply in the Graeco-Roman World**. 1988.
- GRAY, V. "Reading the Rise of Pisistratus: Herodotus I. 56–68", **Histos 1**, 1997.
- GREEN, P. **Alexander to Actium: The Historical Evolution of the Hellenistic Age**. University of California Press, Berkeley and Los Angeles, 1990.
- HAMMOND, H. G. L.: *The Philaids and the Chersonese*, **CQ**, **6**, 1956, pp. 113-129
- HAMMOND, N. G. L. & GRIFFITH, G. T. **A History of Macedonia II** Oxford (1979) 68.
- LANE, Ch. S. ***Archegetes oikistes, and new-oikistes : the cults of founders in Greek southern Italy and Sicily***, University of British Columbia, 2009.
- LAVALE, B.M. **The Sorrow and the Pity: A Prolegomenon to a History of Athens under Peisistratids, c. 560-510 B.C.**, Stuttgart 1993.
- LAVALLE, B. L. *The Pisistratids and the Mines of Thrace*. **GRBS** (1992) 5-23.
- MOSSÉ, Cl. **A Grécia Arcaica de Homero a Ésquilo** (Séculos VIII – VI A.C.). Lisboa, Edições 70, 1989.
- MANAS, C. S. *Women in Herodotus Oracles*. **Erga -Logoi – 6**, 2018, 1-30.
- PEBARTHE, Ch. « *Émigrer d'Athènes. Clérouques et colons aux temps de la domination athénienne sur l'Égée au Vème siècle a.C.* ». KAISER, W., Cl.
- MOATTI et Chr. PÉBARTHE. **Le monde de l'itinérance en Méditerranée de l'Antiquité à l'époque moderne**. Bordeaux: Ausonius, 2009, 367-390.
- SARAKINSKI, V. *Musings on the facts and purpose of Rhaikelos* **ŽAnt 64** (2014) 185–204;
- SEARS, M. A. ***Athens, Thrace, and the Shaping of Athenian Leadership***. New York: CUP, 2013.
- SEALEY, R. *Regionalism in archaic Athens*, **História 9**, 1960, 155-180.

VIVIERS, D. '*Pisistratus' settlement on the Thermaic Gulf: a connection with the Eretrian colonization.*' **JHS 107: 1987**, 193–95.

TZVETKOVA. **Chersones**, TUA, 2008.

VANOTTI, G **Miltiades of Cimon**. Oxford, Bibliographies, 2018.

WALKER, K. **Archaic Eretria**. Routledge, 2004.